

Introdução

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BALSALOBRE, SRG. *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 151 p. ISBN 978-85-7983-104-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

INTRODUÇÃO

Este livro é o resultado de um processo de revisão e de algumas adaptações da dissertação *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista*: um olhar sobre as formas de tratamento, orientada pela professora Rosane de Andrade Berlinck e defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, *campus* de Araraquara, em 2009, com fomento do CNPq.

O foco primordial deste estudo é a análise da interdependência que há entre fatores de ordem histórica e social em relação à população negra do início do século XX e o sistema de formas de tratamento empregado por essa população. Com esse intento, também está em foco a análise do uso das formas de tratamento pela população paulistana em geral, a fim de se estabelecerem possíveis comparações. Esse fenômeno linguístico foi privilegiado por representar um exemplo da intersecção entre a história interna e externa da língua, revelando dados da estrutura social vigente e do *status* que pode ser atribuído a uma forma linguística em uma sociedade.

A reflexão inicial acerca da relação entre o fator linguístico e o social foi inspirada na concepção de língua e linguagem defendida por Weinreich et al. (2006), que se contrapõe à noção estruturalista saussuriana, em que a língua é tomada como um objeto homogêneo

e, em certo sentido, imutável. Para aqueles autores, ao contrário, a língua é um sistema heterogêneo e variável. Ela se apresenta desse modo como um reflexo das adequações que sofre constantemente às necessidades da comunidade que a utiliza, caracteristicamente complexa e heterogênea. De acordo com essa proposição, existe uma interinfluência entre os aspectos estruturais e sociais da linguagem e, portanto, ambos devem ser analisados em sua interdependência.

Essa visão de língua – sintetizada por Tarallo (1994, p.57) como “a aparente desordem da heterogeneidade é, na realidade, ordenada, daí: a ordem na desordem” – é o pressuposto geral da teoria da variação e da mudança linguísticas proposta por Weinreich et al. (2006).

Os autores entendem por mudança linguística as alterações estruturais entre os indivíduos e a língua desses indivíduos ocorridas em uma comunidade complexa no curso do tempo. Dessa forma, a mudança é analisada como um processo contínuo e como subproduto da interação linguística. Nesse modelo de estrutura linguística, está prevista a “diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas” (idem, p.125).

O foco deste estudo é a investigação dos usos das formas de tratamento pela população negra do início do século XX e dos valores atribuídos a esses usos por meio de um *corpus* jornalístico: a imprensa negra paulista. Esse material representa um privilegiado meio de informações sobre a situação linguístico-social da população afro-brasileira do período pós-abolição da escravatura no Brasil e revela dados valiosos acerca da tentativa de reconhecimento social dessa população também por meio da aquisição da norma linguística de prestígio da época. É relevante o fato de que a imprensa negra está sendo analisada pela perspectiva linguística após muitos anos de estudos que privilegiaram os fatores históricos, pedagógicos e sociais – que, por sua vez, fornecem relevantes contribuições para a pesquisa linguística.

Além disso, ainda compõe o *corpus* para análise um jornal de circulação mais ampla na cidade de São Paulo, *O combate*. A com-

paração desse jornal com os periódicos da imprensa negra possibilitou que se avaliassem quais usos são típicos da população negra (e, por conseguinte, sua motivação) e quais usos representam as estratégias gerais de tratamento dos grupos dominantes da cidade de São Paulo no período em questão.

Para o estudo da língua em um *corpus* dessa natureza é relevante a proposta de Bonini (2003), em que o autor considera que o gênero jornalístico é, na realidade, um suporte (ou hipergênero) para outros gêneros. Esse cuidado metodológico é de fundamental importância, uma vez que cada um dos gêneros contidos no jornal tem características e funções particulares e, portanto, faz um uso linguístico adequado a seu objetivo específico. A partir dessa noção do jornal como um hipergênero, o estudo das formas de tratamento na imprensa negra e em *O combate* está relacionado com as características de cada uma das diferentes seções dos jornais e com a história social da população negra e da cidade de São Paulo do início do século XX.

A razão pela escolha de uma forma de tratamento em detrimento de outras pelos redatores dos jornais da imprensa negra paulista está motivada, na maior parte das ocorrências, por uma tentativa da população negra no período de se inserir na parcela dominante da sociedade, dando indicativos de seu *status* social também por meio desse dado linguístico. Nesse sentido, a semântica do poder e da solidariedade, proposta por Brown & Gilman (1972), contribui para esse estudo.

A proposta do capítulo 1 (Panorama sócio-histórico da imprensa paulista) é apresentar um panorama histórico do jornalismo em São Paulo, a fim de sinalizar o contexto de surgimento dos jornais da imprensa negra e de *O combate*. A partir desse panorama é possível depreender alguns dados acerca dessa parcela da população negra que, majoritariamente, emprega a língua portuguesa em sua variedade popular. Nessa seção ainda está em foco a discussão acerca das características fundamentais da imprensa negra e dos jornais selecionados.

O capítulo 2 (O hipergênero jornalístico) é uma apresentação de uma das escolhas teórico-metodológicas desse estudo, baseada nas

pesquisas de gênero textual de Marcuschi (2005; 2006) e de Bonini (2003; 2006). Nessa seção, além de se apresentar a teoria que embasa esse estudo, faz-se também uma proposta de classificação dos gêneros que permeiam os jornais em análise.

O capítulo 3 (O sistema de formas de tratamento: perspectivas teóricas) apresenta um panorama teórico acerca do estudo do sistema de formas de tratamento, incluindo a semântica do poder e da solidariedade de Brown & Gilman (1972), a noção de tratamentos alocutivos, elocutivos e delocutivos de Soto (2001) e a proposta da interatividade no texto escrito de Andrade (2008). A partir disso, das motivações histórico-sociais e da noção de hipergênero jornalístico, faz-se no último capítulo (Uma proposta de análise comparativa entre o emprego de formas de tratamento na imprensa negra e em *O combate*) uma comparação entre os jornais da imprensa negra e *O combate* estabelecendo alguns pontos de intersecção entre a história interna e a externa da língua portuguesa, mais especificamente das formas de tratamento empregadas pela população negra e pelos grupos dominantes de São Paulo nos anos iniciais do século XX.